



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**Centro de Humanidades**  
**Departamento de História**

**MARCELO BRITO DA SILVA**

**OFICINA TEMÁTICA: HOMOFOBIA NA ESCOLA “EDUCAR SEM  
RÓTULOS”**

**GUARABIRA/PB**  
**MAIO – 2016**

**MARCELO BRITO DA SILVA**

**OFICINA TEMÁTICA: HOMOFOBIA NA ESCOLA “EDUCAR SEM RÓTULOS”**

Trabalho de Conclusão do Curso,  
apresentado para obtenção do Grau de  
Licenciatura Plena no Curso de História  
da Universidade Estadual da Paraíba –  
UEPB.

**ORIENTADORA:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariângela  
de Vasconcelos Nunes.

**GUARABIRA/PB  
MAIO – 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586o Silva, Marcelo Brito da  
Oficina temática: [manuscrito] : homofobia na escola /  
Marcelo Brito da Silva. - 2016.  
25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em HISTÓRIA)  
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,  
2016.

"Orientação: Mariângela de Vasconcelos Nunes,  
Departamento de História".

1. Diversidade Sexual. 2. Homofobia na Escola. 3.  
Multiculturalismo no Currículo. I. Título.

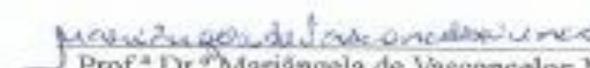
21. ed. CDD 305.09

Marcelo Brito da Silva

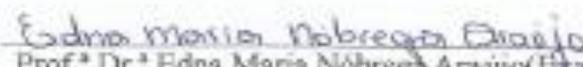
HOMOFOBIA NA ESCOLA: "EDUCAR SEM RÓTULOS"

Aprovado em 23 de Maio de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Prof.ª Dr.ª Mariângela de Vasconcelos Nunes ( Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

  
Prof.ª Dr.ª Edna Maria Nóbrega Araújo (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

  
Prof.ª Dr.ª Susel Oliveira da Rosa (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sua presença em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, Júlio Francisco da Silva (*in memoriam*) e Maria das Neves Brito da Silva (*in memoriam*), em virtude de que foram eles os maiores responsáveis pela formação do meu caráter e por terem me conduzido pelos caminhos da dignidade.

Aos meus irmãos José Carlos e Océlio Brito, e a minha cunhada Fabiana Karla pelo incentivo ao longo da minha formação acadêmica.

A toda minha família, por sempre acreditar e torcer por mim.

A minha namorada, Nivia Jaqueline, pelo apoio incondicional e pela paciência e companheirismo em todos os momentos.

Aos meus amigos, em especial Cláudio Rodrigues, pela amizade construída ao longo do curso, pela troca de conhecimentos e por todos os momentos vividos. Agradeço a todos os professores que contribuíram diretamente na minha formação e, muito especialmente, a minha orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Mariângela Vasconcelos Nunes, que aceitou o convite para orientar, sempre solícita e disposta para nortear-me no trabalho, acreditando no esforço e dedicação para a realização da pesquisa.

Por fim, agradeço a banca examinadora por sua disponibilidade e contribuição para melhorar este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso buscou desmistificar as práticas homofóbicas no espaço escolar e introduzir o multiculturalismo no currículo, tendo como perspectiva o desejo de contribuir para um novo olhar sobre a condição sexual de cada indivíduo na sociedade. Dessa forma, realizou-se uma dinâmica com uma turma do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual José Soares de Carvalho, após a realização da mesma, foi possível perceber a necessidade de se trabalhar cada vez mais com essa temática no ambiente escolar, tendo em vista que não é comum a sua abordagem por parte do corpo docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversidade Sexual, Homofobia na Escola, Multiculturalismo no Currículo.

## **ABSTRACT**

This work Completion of course sought to demystify homophobic practices at school and introducing multiculturalism into the curriculum, with the perspective the desire to contribute to a new look at the sexual condition of each individual in society. Thus, there was a dynamic with a group of the 1st year of high school at the State School José Soares de Carvalho, after performing the same, we saw the need to work increasingly with this subject in the school environment, with a view that is not common to their approach by the faculty.

**KEY WORDS:** Sexual Diversity, Homophobia at School, Multiculturalism in the Curriculum.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE.....</b>	<b>8</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....</b>	<b>9</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....</b>	<b>9</b>
<b>A INSERÇÃO DO MULTICULTURALISMO NO CURRÍCULO.....</b>	<b>11</b>
<b>HOMOFOBIA NA ESCOLA.....</b>	<b>14</b>
<b>OFICINA TEMÁTICA: HOMOFOBIA NA ESCOLA.....</b>	<b>17</b>
<b>DINÂMICA.....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>24</b>

## APRESENTAÇÃO

O estágio supervisionado foi coordenado pela professora Simone Cavalcante e teve como objetivo a construção da identidade docente. O mesmo é fundamental para a formação do profissional por se tratar de um mecanismo que leva o acadêmico a identificar novas e variadas estratégias para solucionar problemas que ele não imaginava encontrar na carreira docente. É um primeiro contato que o aluno estagiário estabelece com a escola quando busca colocar em prática o que tem aprendido na Universidade.

Como futuros profissionais da educação, temos a responsabilidade de desafiar os alunos escolares para conviver com as diferenças, neste caso, a diversidade sexual tanto na escola quanto nos espaços sociais em que vivemos. Esta perspectiva respalda-se no desejo de contribuir para um novo olhar sobre a condição sexual de cada indivíduo na sociedade.

Nesse sentido, trabalhar com homofobia na escola, cumpre a função de instigar a consciência crítica e ação política numa busca constante e sistemática pela dignidade e garantia dos direitos dos grupos LGBTs e voltadas para a valorização e respeito dos mesmos.

## A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE

A postura do professor em sala de aula é um elemento essencial para que se construa uma relação de respeito mútuo, embora o professor tenha a liberdade de escolher os conteúdos, a metodologia que será utilizada e as formas de avaliação, os alunos devem ser motivados a participar das aulas, possibilitando a construção e reconstrução do conhecimento.

Segundo Pimenta (2010), é através do estágio que surge a possibilidade de se trabalhar aspectos considerados indispensáveis para construir a identidade, os saberes e as posturas essenciais ao exercício da docência.

O estágio, associado às demais disciplinas integra o currículo do curso e evidencia-se por ser um componente que utiliza-se, ao mesmo tempo, de um espaço/tempo na Universidade e nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio, locais que para os professores em formação, posteriormente, serão campos de atuação profissional (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008).

De acordo os autores supracitados, a compreensão do estágio curricular como sendo um tempo destinado ao processo de ensino e aprendizagem possibilita o reconhecimento de que apesar de ser fundamental, a formação oferecida em sala de aula não é suficiente para que os alunos sejam formados e preparados para exercer sua profissão. É necessário que os mesmos sejam inseridos na realidade do cotidiano escolar para através da prática dos profissionais da docência adquirir conhecimento.

Há uma perspectiva de ritual de passagem intermediando as práticas de Estágio/Prática de Ensino. Seu caráter passageiro faz com que ele seja sempre incompleto, porque é no efetivo exercício do magistério que a profissão docente é aprendida de maneira sempre renovada. Defendemos este componente curricular como espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional, que permeia as outras disciplinas da formação, no projeto pedagógico dos cursos de formação, mas é o *locus* da sistematização da pesquisa sobre a prática, no papel de realizar a síntese e a relação das vivências efetivadas (LIMA, 2008, p.198).

A construção da identidade docente ocorre a partir do conhecimento adquirido no curso, no estágio, através das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da academia. Inserindo o aluno estagiário no cotidiano da escola, o estágio desperta para os fazeres da função do professor na sociedade.

## **CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

O estágio supervisionado, sob a forma notadamente de oficinas foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, em 2011, tal escola fica localizada na Rua, Henrique Pacífico nº 45 – Bela Vista, na cidade de Guarabira, PB. A mesma possui 19 salas por turno, 1 sala de vídeo, 1 biblioteca, 80 professores (somando todos os turnos), 1.780 alunos, 2 banheiros para professores, 2 banheiros para alunos, 1 laboratório de química, 1 ginásio de esportes, Curso de Libras para professores, possui acessibilidade, 1 laboratório de robótica, 1 laboratório de matemática, 1 laboratório de informática, 1 sala de coordenação, 1 sala de planejamento, 1 sala de almoxarifado, 1 sala de secretaria, 1 sala de diretoria, 1 cantina e 1 pátio amplo.

As salas de aula apresentam iluminação e ventilação insuficientes, dificultando o aprendizado dos alunos. Apesar da escola possuir data show e o mesmo ter sido utilizado durante o estágio, os alunos escolares relataram que não é comum os professores fazerem uso deste recurso didático, o mesmo ocorre com laboratório de informática.

Um fato que chamou atenção foi a inclusão de um homossexual no quadro de funcionários da escola. Ele trabalha na cozinha e na área da limpeza. Ao ser questionado sobre o convívio com os demais funcionários e com os alunos, ele disse que trabalha naquela escola há três anos e que nunca sofreu preconceito.

## **CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**

O estágio supervisionado foi ministrado ao 1º ano do Ensino Médio, no turno da tarde, em uma turma composta por 25 alunos, com faixa etária entre 15 e 16 anos.

Buscando desafiar os alunos desta turma para o convívio em uma sociedade plural, sobretudo, no que diz respeito a diversidade sexual, foi proposto uma oficina cuja temática foi a Homofobia na Escola. Alguns alunos mostraram que tinham um conhecimento prévio sobre o assunto, porém, a maioria não quis opinar sobre o assunto. A turma era bastante agitada e enquanto falávamos, alguns conversavam, demonstrando falta de interesse.

Os alunos são adolescentes e vivem uma fase de descobertas, dessa forma, é importante a discussão de temas que por preconceito não são comumente debatidos tanto no ambiente escolar como no familiar.

## A INSERÇÃO DO MULTICULTURALISMO NO CURRÍCULO

De acordo com Moreira (2006), é impossível negar a multiculturalidade das sociedades contemporâneas, expressas nos diversos espaços sociais, tais diferenças resultam de dinâmicas sociais como classe social, gênero, etnia, orientação sexual, cultura e religião.

Historicamente, foi produzida pela cultura escolar uma seleção de conteúdos que privilegiam os princípios intelectuais e discriminam os que trazem uma abordagem dos elementos culturais, fazendo com que o currículo seja composto de forma inflexível. Porém, se as escolas buscam realizar a introdução de currículos multiculturais, necessitam preocupar-se com a questão da carência de conteúdos que abordam a multiculturalidade, tendo em vista que é notória a falta de consciência e sensibilização diante desta concepção (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007).

Através de toda proposta curricular objetiva-se a preparação dos alunos para se tornarem cidadãos críticos, ativos e solidários na sociedade. Para que isso ocorra, é necessário selecionar os conteúdos curriculares, os recursos, as experiências de ensino e aprendizagem e os métodos de avaliação, favorecendo a promoção da construção do conhecimento, destrezas, atitudes, normas e valores que são fundamentais para a formação do cidadão. Esse processo de formação de pessoas críticas, ativas e solidárias e de ajuda na reconstrução da realidade requer uma atenção prioritária aos conteúdos culturais (SANTOMÉ, 1995).

Entretanto, em regra geral os currículos primam por conteúdos que se afastam das necessidades e interesses dos alunos:

Diante dessas seleções em torno do que deve compor os conteúdos curriculares, brota, em muitos alunos, o sentimento de que há conhecimentos que, se não fossem transmitidos, não lhes fariam falta. Tais conhecimentos tornam-se algo a ser transmitido e assimilado, objetivando resultados, e não o valor do processo de aprendizagem. Determinados saberes deveriam ser contextualizados de forma que os alunos entendessem melhor a sua importância e a sua relação com a vida cotidiana, esclarecendo dúvidas para as quais nunca encontram respostas porque elas não fazem parte do currículo (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007, p.56).

Para os autores supracitados, o vínculo entre educação e cultura não pode ser limitado ao conjunto do currículo, tendo em vista que, dessa forma, a cultura predominante pode descartar e substituir a cultura do aluno. O currículo deve

abordar as diferentes culturas, acolher os alunos provenientes dos diversos grupos sociais e culturais, evitando uma perspectiva idealizada na monoculturalidade. Deve haver a inclusão de todos os sujeitos nos conteúdos e nas práticas curriculares e o diálogo com a unidade e a diversidade sem destruir as identidades dos educandos. A suposta ordem e harmonia que através de um modelo comum de cultura torna a sociedade igualada, não pode anular as particularidades de cada aluno.

De acordo com Pansini e Nenevé (2008), a educação multicultural pretende alcançar o rompimento dos modelos pré-estabelecidos e práticas ocultas, que por meio do currículo escolar produzem um efeito de colonização, no qual os estudantes passam por um processo que silencia sua condição cultural, social, sexual e étnica, fazendo com que os mesmos ocupem o lugar dos colonizados e marginalizados. O objetivo de uma prática educativa multicultural é possibilitar que os alunos analisem as relações de poder que envolvem a produção de instrumentos que discriminam ou silenciam sua cultura, desenvolvendo condições para opor-se contra esses instrumentos que propagam a hegemonia científica, tecnológica e cultural de grupos economicamente dominantes.

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação (SANTOMÉ, 1995, p.161).

Segundo Teixeira e Bezerra (2007), por ser um espaço que favorece os encontros e as trocas entre vários padrões culturais, a escola também deve possibilitar o questionamento e a desconstrução de discursos e práticas monoculturais, mostrando as relações de poder que existem entre culturas no currículo. Nesse sentido, é fundamental que o currículo respeite e acolha as diferenças sem destruir identidades culturais, apresente possibilidades de mudanças, transformando práticas, assimilando os processos de produção e de reprodução do conhecimento, bem como das características da cultura escolar.

Para que ocorram mudanças nesse quadro é necessário que a formação possibilite aos sujeitos o desenvolvimento da capacidade de questionar os conhecimentos e práticas legitimadas provendo-os com “contradiscursos”,

objetivando a desmistificação das formas dominantes e a inclusão de conhecimentos que fazem parte do cotidiano dos alunos de classes populares no centro do currículo. É essencial que a formação permita aos educadores adequarem a linguagem ao espaço escolar, tendo em vista que através da mesma professores e alunos têm a possibilidade de conhecer o seu mundo mais próximo (MCLAREN; GIROUX, 2000 apud PANSINI; NENEVÉ, 2008).

Segundo Ribeiro (2004), o espaço escolar abrange diversos interesses explícitos e ocultos que acabam incluindo e excluindo os sujeitos. Por isso, torna-se um componente significativo do currículo, aqui entendido como um aspecto mais crítico que aborda o conceito de currículo oculto, ou seja, trata de normas e valores que, apesar de não estarem explícitos são, de fato, transmitidos pela escola.

Apesar de ser considerado estudo da antropologia, o multiculturalismo revela que não deve existir a supervalorização de uma cultura e a desvalorização de outra. Quando refere-se ao currículo, o multiculturalismo apresenta-se como movimento contra o tradicionalismo do currículo, que beneficiava apenas a cultura do grupo social dominante, ou seja, a cultura branca, masculina, europeia e heterossexual (HORNBERG; SILVA, 2007).

Segundo Teixeira e Bezerra (2007), a escola acaba excluindo alguns saberes por considerar que sua cultura não tem valor e pelos mesmos não estarem em conformidade com o paradigma cultural. Dessa forma, deixam de ser reconhecidos e são silenciados, em decorrência do fato de que o currículo desconsidera alguns saberes para transmitir outros que fazem parte do interesse de grupos privilegiados da sociedade e que por isso são tratados como universais.

Ao incluir no currículo, questões como a sexualidade, referem-se a mesma como uma questão de informação certa ou errada, e abordam-se apenas os aspectos biológicos e reprodutivos. Quanto à homossexualidade, a pedagogia queer, que segue a linha da teoria queer, que surgiu nos anos de 1980, não está limitada a introduzir no currículo questões de sexualidade ou lutar pela inclusão de materiais que combatam as práticas homofóbicas, ela utiliza uma metodologia de análise e compreensão do conhecimento e das identidades sexuais (SILVA, 1999).

A teoria queer, surge em países como Estados Unidos e Inglaterra, como uma espécie de unificação dos estudos gays e lésbicos. Antes de mais nada, o termo expressa, em inglês, uma ambiguidade que é convenientemente explorada pelo movimento queer. Historicamente, o

termo queer tem sido utilizado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, sobretudo do sexo masculino (SILVA, 1999, p.105).

Sendo assim, a teoria queer atua representando tudo o que está relacionado às minorias sexuais em todos os seus aspectos e diversidades e colocando em prática uma cultura múltipla e específica de grupos como os gays, as lésbicas, os bissexuais, os travestis, os transexuais, as drags. Ou seja, a cultura de uma minoria, que porém, luta por voz, lugar e pela inclusão na sociedade (MIRANDA; GARCIA, 2012).

## **HOMOFOBIA NA ESCOLA**

Apesar de algumas mudanças nos valores culturais, a realidade atual é contraditória, considerando-se que mesmo tendo se tornado habitual o convívio diário com uma diversidade sexual que vem ganhando espaço e perdendo rótulos, atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas que partem de pessoas, grupos e instituições conservadoras ainda são mantidas e reforçadas (BORTOLINE, 2008).

Segundo o autor supracitado, essa luta que ocorre entre o novo e o conservador, entre a conquista dos direitos e rejeição motivada nos preconceitos dissemina-se em todo o corpo social, em lugares e momentos distintos, como é o caso do ambiente familiar, do círculo de amigos, da comunidade, do trabalho e, evidentemente da escola.

De acordo com Lucion (2008), a sociedade em que vivemos determina como padrão os brancos, os heterossexuais e os cristãos, e a escola segue essa mesma regra, transformando os "diferentes", os que não pertencem ao grupo da heteronormatividade, em pessoas indesejáveis, pecadoras, conseqüentemente, vulneráveis à ridicularização, ao desprezo e à práticas de violência e ódio, caracterizando assim a homofobia.

Para o autor supracitado, a homofobia é produzida histórica e culturalmente, criando teorias, defendendo-as e justificando-as nas ciências e leis, essas teorias são reproduzidas pela escola, reafirmando o que a sociedade exige dela. Dessa forma, ela é consequência de produções históricas ao longo de décadas e séculos e não uma criação exclusiva da escola.

As relações firmadas em sociedade resultam na forma de ser de cada indivíduo, afinal, o nosso processo de construção ocorre através do contato com os outros. Sendo assim, a discriminação homofóbica adentra na escola por diversos meios, podendo surgir entre alunos, jovens da mesma idade ou do mesmo ano escolar, a partir de brincadeiras, risos, silêncios ou até mesmo do menosprezo dos professores e demais funcionários do estabelecimento de ensino, que deixam de cumprir o seu papel que seria de educá-los e promover o respeito mútuo e o respeito às diferenças. Porém, independente da maneira em que as práticas homofóbicas são inseridas na escola, elas retratam a sociedade mais ampla e seus grupos familiares, fundamentada sobre a matriz do preconceito aos que fogem dos padrões da heteronormatividade (BORGES et al., 2011).

Para que possamos construir uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, e que não disseminam práticas preconceituosas e discriminatórias, é fundamental identificar e enfrentar as adversidades que surgem na busca pela promoção dos direitos humanos, e principalmente, contestar, desestruturar e eliminar a homofobia (JUNQUEIRA, 2009).

Numa época em que discussões e publicações acerca de gênero e sexualidade na educação já se encontram em grande número em livros, revistas e periódicos variados, torna-se pertinente o aprofundamento e uma abordagem mais específica sobre a diversidade sexual na escola. Afinal, é nela que se observam casos cada vez mais frequentes na mídia, situações de preconceito que geram comportamentos discriminatórios diante das mais diversas diferenças. Esse tipo de comportamento por parte de algumas crianças e adolescentes diante de seus colegas ficou conhecido como *bullying*, termo em inglês que designa comportamentos violentos na escola no intuito de intimidar e agredir alunos e alunas que não fazem parte de determinado padrão social (BORGES et al., 2011, p. 22).

De acordo com os autores supracitados, esses atos de discriminação são praticados há muito tempo, mas só agora a abordagem dessa temática tornou-se notória. No ambiente escolar ocorrem diversas formas de preconceito contra quem está fora do padrão ideal estabelecido pela sociedade, a mesma não está preparada para reduzir as consequências geradas por essas situações que são instituídas frequentemente na escola.

Segundo Dinis (2011), diante desse quadro de exclusão objetiva-se incluir no currículo de formação de novos professores o tema da diversidade sexual e de

gênero, possibilitando posteriormente o desenvolvimento de estratégias de resistência ao currículo heteronormativo. Ao omitir e silenciar concorda-se com as práticas de violência utilizadas contra os estudantes pertencentes aos grupos LGBTs. Esta postura omissa da escola vai de encontro a algumas funções que lhes são atribuídas e estão vinculadas à formação da cidadania e ao respeito aos direitos humanos. Dessa forma os docentes precisam ser incentivados a se comprometerem com o enfrentamento às formas de preconceitos e discriminação que ocorrem no espaço escolar.

Para Lucion (2008), o silenciamento e a dissimulação são as consequências mais surpreendentes de uma educação homofóbica que fundamenta-se em atos preconceituosos e na incompetência de todos os que formam o espaço escolar em compreender esse tema e lutar contra as diversas formas de preconceito, evitando a transferência de alunos por não adequarem-se aos padrões impostos pela escola.

A Constituição Federal de 1988 estabelece em seu artigo 5º que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade. No parágrafo II fica explícito que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei. Já no parágrafo III - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento desumano ou degradante<sup>1</sup>.

Ao tratar sobre a questão da homofobia na escola leva-se em consideração, através de uma atitude ética e política, o *outro* como sujeito detentor de direitos em um espaço no qual palavras como *inclusão* não necessitariam ser citadas e reivindicadas, principalmente no momento atual da educação em que a mesma defende o direito democrático (BORGES et al., 2011).

A escola deve ser pensada como um ambiente onde valores humanos, igualdade, respeito, solidariedade e democracia sejam os pilares fundamentais, e onde também, a exploração, e qualquer forma de discriminação seja rigorosamente combatida. Um novo mundo está por nascer e, talvez ele dê seus primeiros passos na escola, para isso precisamos tomar consciência da discriminação e aos poucos desconstruirmos preconceitos, racismos, machismos e homofobias (LUCION, 2008).

Segundo Bortoline (2008), é necessário o reconhecimento por parte da escola, que os alunos que fogem dos padrões hegemônicos de comportamento de gênero possuem o direito à educação pública. Essa educação deve ser completa e

<sup>1</sup> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Artigo 5º, Parágrafo II e III, p.13.

não deve requerer desses alunos a camuflagem de suas identidades e nem o bloqueio dos seus jeitos de ser.

Apesar de ponderar outras leituras que apontam a escola apenas como um lugar de disciplina e como maquinária de produzir identidades enquadradas no status quo, entendo a partir dos autores como Borges e Bortoline que a escola também pode ser um lugar de discursos contra hegemônicos mesmo que atualmente estes representem uma suspensão no cotidiano escolar.

### **OFICINA TEMÁTICA: HOMOFOBIA NA ESCOLA**

A oficina foi ministrada em forma de dinâmica pelo autor e mais três colegas que compunham o grupo. Esta atividade teve como objetivo tentar desmistificar e desconstruir a visão que os alunos têm sobre a população LGBT, tendo em vista que para muitos, apenas a heteronormatividade é aceita, considerando a homossexualidade como “anormal”, isso não ocorre apenas no âmbito escolar, mas sim, em todos os espaços sociais.

Contemporaneamente, quando falamos de diversidade cultural, estamos, de várias maneiras, conectados aos discursos sobre raças, gênero, normalidade e anormalidade, sobre os deficientes, os excepcionais, os estranhos, os pobres, enfim, sobre incontáveis “outros” das sociedades que povoam o planeta. Todos esses grupos estão, de diferentes formas e intensidades, implicados nas práticas civilizatórias em andamento, entre elas, aquelas levantadas a efeito pela maquinária escolar (BARBOSA, 2005, p.384).

A responsabilidade de abordar um assunto que divide opiniões e o fato de ser minha primeira experiência na escola como docente me deixou um pouco tenso, porém, no decorrer da atividade fui me familiarizando com o ambiente e percebendo a importância do estágio para a minha formação.

Problematizar um assunto atual e de extrema importância, como é o caso da Homofobia na Escola, é difícil, porém necessário, tendo em vista que o respeito às diferenças deve ser trabalhado, objetivando a ruptura do preconceito sobre aqueles que estão fora do “comportamento padrão” que a sociedade impõe. Desta forma, é necessário desconstruir a ideia de que existe um referente, mostrado historicamente e culturalmente como este torna-se o referente enquanto os demais que divergem do padrão se formam o anti-referente, o errado, o desvio.

A escola, apesar de suas dificuldades, é um espaço que possibilita a construção de novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, principalmente quando se trata de valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica (JUNQUEIRA, 2009).

Este trabalho apresenta o discurso da Oficina Temática Homofobia na Escola realizada em 01 de novembro de 2011 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho.

Esta oficina fazia parte de um projeto amplo acionado no âmbito do Estágio I, estando este ligado a uma proposta de extensão. Tal proposta foi criada e coordenada pela professora Dr.<sup>a</sup> Marisa Tayra Teruya, do Departamento de História, e visava substituir as atividades de observação que ocorriam comumente no Estágio Supervisionado I.

O projeto de extensão a que me refiro se tornou tão relevante dentro das escolas públicas de Guarabira, que nos anos seguintes foi mantido pelos grupos de professores da área de estágio e ampliou-se para outros municípios circunvizinhos.

Na época, esta disciplina estava a cargo da professora Simone Cavalcante que orientou e supervisionou as atividades, na disciplina Estágio I. Assim, fomos divididos em cerca de cinco grupos e abordamos temáticas presentes no universo do aluno como Sexualidade e Mídia: uma discussão do mundo atual e Homofobia na Escola. A maioria destas temáticas dialogavam também com uma perspectiva de currículo multicultural.

## **DINÂMICA**

Para a realização da dinâmica foram utilizadas cinco perguntas e respostas sobre o assunto, as mesmas foram separadas, em seguida, distribuídas para a turma. Dessa forma, uns ficaram com as perguntas e outros com as respostas. Um aluno fazia a pergunta e era dado um espaço para que os demais expusessem seu ponto de vista e somente depois desse debate o aluno que estava com a resposta fazia a leitura para a turma.

Abaixo segue as questões que faziam parte da dinâmica e um breve comentário sobre as perguntas lançadas à turma, que aponta para algumas questões discutidas pelo grupo de oficinairos.

1: O que é homossexualidade?

A homossexualidade, tal como a heterossexualidade e a bissexualidade, é uma orientação sexual. Significa que o indivíduo sente atração física, psicológica e emocional por outro indivíduo do mesmo sexo, ao contrário dos heterossexuais que o sentem por pessoas do sexo oposto (EX-AEQUO, 2011).

2: A homossexualidade é uma opção?

Não. Ninguém escolhe a sua orientação sexual. A orientação sexual existe sem que tenhamos controle direto sobre ela. Por isso mesmo, não é correto referir-se-lhe como “opção sexual” (EX-AEQUO, 2011).

3: O que é homofobia?

A homofobia é definida como a intolerância e o desprezo contra aqueles e aquelas que têm orientação e identidades diferentes da heterossexual. Trata-se da aversão, ódio, medo, preconceito ou discriminação contra homossexuais, bissexuais, travestis, lésbicas e transexuais. A homofobia confere à heterossexualidade o monopólio da normalidade, gerando e incentivando o menosprezo contra aqueles que divergem do modelo de referência (UNAIDS, 2006).

4: Que atos podem ser considerados discriminatórios ou homofóbicos?

A incitação ao ódio, a violência, o repúdio, a zombaria, a difamação, a injúria, a perseguição, a exclusão, os maus tratos físicos ou psicológicos por causa da aparência física ou da forma de vestir-se, falar gesticular, a restrição ou negação ao usufruto de assistência médica, a proibição da livre escolha de emprego ou redução das oportunidades de acesso, permanência ou ascensão no mesmo, a restrição ao

acesso à seguridade social e seus benefícios, são alguns exemplos (UNAIDS, 2006).

5: Como se pode deter a discriminação contra os homossexuais?

A produção de um conhecimento e a educação voltados para o múltiplo são as melhores soluções contra o preconceito. A discriminação contra os homossexuais somente diminuirá se a sociedade trabalhar contra ela. É fundamental estabelecer um ambiente favorável que permita levar mensagens de prevenção, os meios de comunicação social também desempenham um papel importantíssimo nesse sentido, já que o seu poder de penetração e alcance na sociedade permitem que o tema possa ser difundido, de maneira clara e objetiva, criando assim ambientes mais favoráveis para sua discussão (UNAIDS, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da oficina com a aplicação da dinâmica, foi possível perceber a necessidade de se trabalhar cada vez mais com temas como este no espaço escolar.

A oficina trouxe contribuições para ambas as partes (estagiários e alunos da escola), pois possibilitou uma troca de conhecimentos, dando espaço para que os alunos refletissem e expusessem suas opiniões sobre o tema. Ficou claro que nem todos concordaram com a perspectiva da diversidade sexual e a religião contribuiu para isso, tendo em vista que alguns relataram não concordar com as relações homoafetivas em decorrência de suas crenças religiosas, cito aqui o caso de uma aluna evangélica que não aceitou modelos fora dos padrões tradicionais, e que não entendeu a diversidade sexual como uma possibilidade.

A construção de uma sociedade igualitária em todos os aspectos depende de políticas públicas que não sejam apenas discursos teóricos, mas sim, que sejam conduzidas com seriedade, compromisso e participação de todos.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. Ed. UNESP, 2005.

BORGES, Zulmira Newlands et al. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil) Elementary and High School. **Educar em Revista**, v. 39, p. 21-38, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a03>. Acesso em: 14 mar, 2016.

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual na escola. **Rio de Janeiro: Pró-reitoria de extensão/UFRJ**, 2008. Disponível em: [http://social.stoa.usp.br/articles/0037/3024/diversidade\\_sexual\\_na\\_escola.pdf](http://social.stoa.usp.br/articles/0037/3024/diversidade_sexual_na_escola.pdf). Acesso em: 05 nov, 2011.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, n. 39, p. 39-50, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602011000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602011000100004&script=sci_arttext). Acesso em: 14 mar, 2016.

EX-AEQUO, Rede. Projeto Educação LGBTI. **Perguntas e respostas sobre orientação sexual e identidade de gênero**. 2010. Disponível em: <http://hivhealthclearinghouse.unesco.org/library/documents/perguntas-e-respostas-sobre-orientacao-sexual-e-identidade-de-genero>. Acesso em: 25 out, 2011.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. A formação prática de professores no estágio curricular. Practical curricular training of teachers. **Educar em revista**. n. 32, p. 215-232, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/n32/n32a15.pdf>. Acesso em: 02 abr, 2016.

HORNBURG, Nice; SILVA, Rubia da. Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 10, p. 61-66, 2007. Disponível em: <http://files.joaopedagogia.webnode.pt/200000022271332809f/Teorias%20sobre%20os%20Curriculos.pdf>. Acesso em: 02 abr, 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Coleção educação para todos, 2009.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ**, v. 8, p. 195-2005, 2008. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=1836>. Acesso em: 08 nov, 2011.

LUCION, Célio. Homofobia na escola pública. **Acedido em**, v. 9, p. 04-10, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/981-4.pdf>. Acesso em: 27 out, 2011.

MCLAREN, Peter; GIROUX, Henry. apud PANSINI, Flávia; NENEVÉ, Miguel. Educação multicultural e formação docente. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 1, p. 31-48, 2008. Disponível em:

[http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/pansini\\_neneve.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/pansini_neneve.pdf). Acesso em: 25 fev, 2016.

MIRANDA, Olinson Coutinho; GARCIA, Paulo César. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. 2012. Disponível em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?q=A+Teoria+Queer+como+representa%C3%A7%C3%A3o+da+cultura+de+uma+minoria&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=A+Teoria+Queer+como+representa%C3%A7%C3%A3o+da+cultura+de+uma+minoria&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5).

Acesso em: 14 abr, 2016.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões**. 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a0>. Acesso em: 10 mar, 2016.

PANSINI, Flávia; NENEVÉ, Miguel. Educação multicultural e formação docente. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 1, p. 31-48, 2008. Disponível em:

[http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/pansini\\_neneve.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/pansini_neneve.pdf). Acesso em: 23 mar, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço Escolar: um elemento (in) visível no currículo. **Sitientibus, Feira de Santana**, v. 31, p. 103-18, 2004. Disponível em:

[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco\\_escolar.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf). Acesso em: 23 mar, 2016.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo.

**Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Autêntica Editora, 1999.

TEIXEIRA, Célia Regina; BEZERRA, Roseane Dal Bello. Escola, currículo e cultura (s): a construção do processo educativo na perspectiva da

multiculturalidade. **Dialogia, São Paulo**, v. 6, p. 55-63, 2007. Disponível em:

<http://www.ceap.br/material/MAT26042013150324.pdf>. Acesso em: 01 abr, 2016.

UNAIDS. **Homofobia: lista de perguntas frequentes**. 2006. Disponível em:

<http://www.aids.gov.br/publicacao/2006/documento-da-unaisds-sobre-homofobia>.

Acesso em: 25 out, 2011.

## ANEXOS

Escola onde ocorreu a Oficina



## Alunos que participaram da Oficina

01/11/11

## Estágio Supervisionado Obrigatório

- Anderson de Souza Santos (1)  
 Rachel dos Santos Gomes de Oliveira (2)  
 Matheus Daigne Dos Santos Santos (3)  
 Eliane Vieira da Silva (4)  
 Jackeline Santos (5)  
 Jéssica Maria Pereira Santana (6)  
 Maria Aparecida Antero da Silva (7)  
 Junimar de Sales v3. Júnior (8)  
 Jéssica Marques da Silva (9)  
 Débely Monteiro dos Santos (10)  
 Amanda Mamedes (11)  
 Gilson Júnior (12)  
 Geovany de Oliveira Pêra (13)  
 Maria Vanessa Rodrigues dos Santos (14)  
 Thaynara Rodrigues da Silva (15)  
 Rosani dos Santos Fernandes (16)  
 Andreia Nunes Rodrigues (17)  
 Luana Tuonhe Oliveira da Costa (18)  
 Jéssica Sandy (19)  
 Polisson Spino Monteiro de Sousa (20)  
 Jéssica da Silva Barros (21)  
 Flávia Silva Gomes (22)  
 William Belo de Costa (23)  
 Níegida da Silva Rufino (24)  
 Cristiano (25)